

TOLERÂNCIA E INTOLERÂNCIA EM JEREMIAS

Ludovico Garmus

INTRODUÇÃO

1. O que se entende por (in)tolerância

Muito se tem discutido e escrito, sobretudo na Europa, sobre a questão da tolerância, tema sempre relacionado ao da intolerância. Recentemente a intolerância foi o tema de um Fórum Internacional promovido pela Academia Universal das Culturas¹. É palpável também a intolerância de caráter religioso no Brasil, de católicos e evangélicos contra cultos africanos, de católicos contra evangélicos e de evangélicos contra católicos, sem falar na discriminação de minorias étnicas e de gênero². Há também abordagens bíblicas sobre a questão da intolerância³.

Segundo Umberto Eco, a intolerância está relacionada ao fundamentalismo, ao integralismo e ao tradicionalismo. Por sua vez, o fundamentalismo estaria mais ligado ao protestantismo, por sua relação com a leitura da Bíblia, enquanto o tradicionalismo está mais ligado ao catolicismo. O ser humano é naturalmente intolerante. “Aprendemos a tolerância – diz Umberto Eco – pouco a pouco, como aprendemos a controlar o esfíncter”⁴. A tolerância – confirma Jacques Le Goff – não é natural, exige esforço em ser aceita; é algo a ser construído, conquistado⁵.

Paul Ricoeur também vê uma predisposição comum em todos os humanos para a intolerância. Isto acontece porque o ser humano tem uma tendência a impor as próprias crenças e convicções, desde que tenha o poder de fazê-lo. “Dois componentes são necessários à intolerância: a desaprovação das crenças e convicções do outro e o poder de impedir que esse outro leve sua vida como bem entender”⁶. Mas, como a tolerância e a intolerância estão ligadas a questões religiosas, “o politeísmo é certamente a forma de religião que menos se presta à intolerância”⁷.

1. BARRET-DUCROCQ, Françoise (org.). *A intolerância*. Foro internacional sobre a intolerância, UNESCO, 27 de março de 1997, La Sorbonne, 28 de março de 1997. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

2. Sobre a intolerância religiosa no Brasil veja o artigo da Wikipédia http://pt.wikipedia.org/wiki/Intoler%C3%A2ncia_religiosa.

3. PELLEGRINI, Silvia. *War Jesus tolerant? Antworten aus der frühen Jesusüberlieferung*. Stuttgarter Bibelstudien, v. 212. Stuttgart: Verlag Katholisches Bibelwerk, 2007. O estudo inclui ampla bibliografia.

4. ECO, Umberto. Definições léxicas. In: *A intolerância*, p. 15-19.

5. GOFF, Jacques Le. As raízes medievais da intolerância. In: *A intolerância*, p. 38.

6. RICOEUR, Paul. Etapa atual do pensamento sobre a intolerância. In: *A intolerância*, p. 20-23.

7. ROMILLY, Jacqueline de. A Grécia Antiga contra a intolerância. In: *Intolerância*, p. 31.

Silvia Pellegrini lembra, com razão, que a intolerância nasce do medo e este, do desconhecimento⁸. Já Goethe dizia: “Tem medo dos homens apenas quem não os conhece”. Diante de uma ameaça real, o medo de perder a identidade e o poder gera a intolerância. Por isso, algumas minorias que se sentem ameaçadas podem se tornar intolerantes.

Há diferentes concepções de tolerância. Tolerância pode ser vista como permissão, quando uma autoridade ou maioria concede a uma minoria a permissão de viver de acordo com suas convicções, na medida em que esta última não questione a primazia da autoridade ou da maioria. Outro conceito liga tolerância à coexistência. Nesse caso são dois grupos, igualmente fortes, que toleram e são tolerados. Mas neste caso a tolerância é extremamente instável. Uma terceira definição baseia a tolerância sobre o respeito⁹. Este conceito, porém, é descartado por outros porque o respeito se deve às pessoas e não às ideias, o que impediria qualquer discussão¹⁰.

A tolerância pode ser considerada como um valor. “É uma forma mais exigente de mútuo reconhecimento do que a tolerância-respeito, enquanto reconhece a tolerância do outro como um valor, mesmo não sendo maior que o seu”¹¹. De fato, a tolerância inclui um juízo de valor. Neste caso, há duas possibilidades: “Respeita-se a pessoa do outro, toleram-se suas convicções e ações. Ou, tolera-se a pessoa do outro, criticam-se suas convicções e ações”¹².

O conceito tolerância/intolerância vem do latim, “tolerare”, suportar, tolerar, sofrer, aguentar, sustentar, persistir, resistir/perseverar, ter paciência. *Tolerantia* é a constância em suportar, é a paciência. Os termos correspondentes em grego são *pasxein, ferein, 'upoménein/ 'upomoné, kartéresis, 'epiéikeia*. Para intolerância são usados os termos *'anepiéikeia, 'authádeia*¹³. A sociedade grega é conhecida pela sua tolerância em relação a cultos estrangeiros. Por isso, tanto mais nos choca a condenação de Sócrates (470/469-399 aC). Ela mostra como a sociedade de Atenas (*pólis*) podia ser intolerante quando, na visão dos dirigentes, estava em jogo o bem da cidade. Sócrates, que lutou em várias batalhas no regimento hoplita de Alcibíades, foi acusado de impiedade (*'asébeia*). Foi também acusado de corromper a juventude pelas suas ideias filosóficas. É que nas cidades gregas o estado era religioso, adorava determinados deuses. Nelas dominava um monismo político-religioso. Com isso, se alguém rejeitasse este culto, incorria num delito não só religioso, mas também político. Sócrates foi visto como alguém que desejava substituir os deuses oficiais por novos deuses. Parece que a sociedade, orgulhosa de sua liberdade, foi incapaz de tolerar o pensamento e a liberdade de falar de Sócrates. A cidade sentia-se de certa forma ameaçada. “A *pólis* matava

8. PELLEGRINI, Silvia. *Was Jesus tolerant?*, p. 21.43.

9. PELLEGRINI, Silvia. *Ibidem*, p. 27.

10. MORFEAU, Louis-Marie; LEFRANC, Jean. Tolerance. *Nouveau vocabulaire de la philosophie et des sciences humaines*. Paris: Armand Colin, 2005, p. 568-569.

11. PELLEGRINI, Silvia. *Ibidem*, p. 28.

12. PELLEGRINI, Silvia. *Ibidem*, p. 36.

13. PELLEGRINI, Silvia. *Ibidem*, p. 46.

por medo político-religioso e não por motivos religiosos”. Sócrates foi condenado a tomar cicuta. Foi-lhe proposto que fugisse da prisão. Mas ele preferiu permanecer fiel à sua filosofia, que era um modo de viver. Reagiu com tolerância à intolerância de seus juízes, foi coerente com as próprias convicções, respeitando as instituições da *pólis* e o destino traçado pelos deuses¹⁴.

No Império Romano predominava a tolerância por parte das autoridades em relação a cultos dos povos dominados. Tal tolerância visava os interesses do poder no sentido de integrar os povos e raças dentro do Império. A liberdade, o politeísmo e o sincretismo religioso, bem como a saudável influência da filosofia estoica favoreciam a tolerância. O respeito pelo culto dos povos dominados fazia parte integrante da política da *pax romana*. Mas a intolerância das autoridades começa a se colocar seriamente na relação conflituosa com o judaísmo e o cristianismo, vistos como possíveis ameaças ao Império¹⁵.

2. Manifestações político-religiosas da (in)tolerância no tempo de Jeremias

Vimos como a questão da (in) tolerância se colocava na sociedade grega e romana. As cidades gregas, embora tolerassem cultos estrangeiros, internamente eram monistas, isto é, cada uma com suas divindades próprias. O limite da tolerância eram os interesses da *pólis*, que não podiam ser ameaçados, como se viu no caso da condenação à morte de Sócrates. O Império Romano, normalmente, tolerante com as práticas religiosas dos povos dominados, podia tornar-se intolerante com religiões monoteístas, quando vistas como possível ameaça à *pax romana*. Nos dois casos se tornava intolerante com grupos religiosos ou indivíduos vistos como possíveis ameaças à instituição, isto é, ao poder político dominante. Portanto, a (in)tolerância assume um caráter político-religioso.

Examinaremos agora como esta questão da (in)tolerância se manifesta em alguns textos do livro de Jeremias.

Para entendermos a questão da (in)tolerância em Jeremias, temos que levar em consideração alguns pressupostos. Em primeiro lugar não podemos esquecer que, neste tempo, a reforma deuteronomista estava em andamento. O livro do Deuterônomo estabelece a centralização do culto, excluindo cultos cananeus e cultos às divindades assírias, favorecidos durante o longo reinado de Manassés. Preconiza, portanto, o monoteísmo, o vínculo exclusivo do povo de Judá com Javé, o Deus da aliança. A reforma religiosa, promovida pelo rei Josias, é apoiada por sacerdotes e levitas e acolhida pelo povo em geral. Portanto, há um profundo vínculo das instituições políticas com as religiosas.

Jeremias nasceu por volta de 640 aC e foi chamado a ser profeta em 627 aC. Mas teria recebido seu mandato profético somente pouco depois de 622 aC, com a visão da

14. PELLEGRINI, Silvia. *Ibidem*, p. 49-50.

15. PELLEGRINI, Silvia. *Ibidem*, p 51-53.

“panela fervente” (Jr 1,13-19), data em que foi “descoberto” o rolo do Deuteronômio. Discute-se qual teria sido a participação de Jeremias na reforma de Josias. Mas há alguns indícios de que a apoiava¹⁶. Por exemplo, dos cinco reis que conheceu aprovou apenas Josias (cf. Jr 22,13-17). Além do mais, tinha um bom relacionamento com a família de Safã, um dos promotores da reforma (cf. 2Rs 22,8-14; 26,24; 29,3; 36,11-19; 40,5-6). Há textos embebidos do espírito da reforma (Jr 4,1-4) ou que se encaixam no seu contexto (11,1-8; 17,19-27; 12,1-5).

2.1. Exemplos de (in) tolerância em Jeremias

Quando se fala de tolerância ou intolerância é preciso saber quem tolera (ou não tolera) e quem é tolerado. Em jogo está a relação do profeta dentro da instituição da monarquia e das instituições ou poderes religiosos. Portanto, o relacionamento do profeta com o rei, com os juizes e com os sacerdotes. Até que ponto estas instituições sentiam-se ameaçadas em seu poder pelas denúncias proferidas por Jeremias? Com que autoridade e em nome de quem Jeremias fazia as denúncias? As reações de intolerância por parte das autoridades civis e religiosas eram movidas por razões políticas ou religiosas? O próprio Jeremias pode ser considerado como intolerante?

À luz de alguns textos talvez possamos esclarecer parte das questões levantadas.

2.2. Jeremias e o templo (Jr 7,1-15; 26,1-19)

Um dos exemplos mais marcantes do choque de Jeremias com a instituição aconteceu quando o profeta, por ordem divina, colocou-se à porta de entrada do templo para anunciar que o mesmo seria destruído, caso não houvesse conversão. São duas as versões que temos sobre o fato. A primeira versão (7,1-15) se refere mais ao conteúdo da pregação, enquanto a segunda, mais biográfica (26,1-19), fornece alguns detalhes sobre o contexto da fala de Jeremias e sua repercussão nos ouvintes. Na sua fala Jeremias se dirige “a todos de Judá”, que vem adorar o Senhor (7,2), ou “contra todas as cidades de Judá, que vêm prostrar-se na casa do Senhor” (26,2). Alguns acham que se trata de peregrinos de alguma das festas (Ex 23,14-17; Dt 16,1-13), talvez a Festa das Tendias ou do Ano Novo. O profeta os exorta para que voltem a ser fiéis à aliança (7,1-7), denuncia a falsa confiança no templo (7,8-11) e ameaça com o castigo divino: se não houver conversão, Deus destruirá “o lugar em que fez habitar o seu nome”, como o fez com o santuário de Silo (7,12-15).

Segundo Jeremias, não adianta confiar em “palavras mentirosas” e ficar repetindo “templo do Senhor”. As palavras mentirosas provavelmente são interpretações errôneas de falsos profetas, que prometiam a proteção divina sobre Jerusalém e seu templo contra invasores estrangeiros, baseadas na profecia de Is 37,33-35. Para que a proteção divina aconteça, diz Jeremias, é preciso praticar a justiça com o estrangeiro, com o órfão e com a viúva (7,6). A profetisa Hulda, consultada sobre o conteúdo do rolo da

16. SCHÖKEL, L.A. – SICRE DIAZ, José Luis. *Profetas*, I, p. 415-423; LUNDBOM, Jack R. *Jeremiah 1-20*, p. 109.

Lei encontrado no templo, já advertia que as maldições nele contidas cairiam sobre o templo (“este lugar”) por causa da idolatria e da infidelidade à aliança com Javé (2Rs 22,14-20). Jeremias, porém, chama atenção à violação de outros mandamentos de caráter mais social. Denuncia a violação de cinco dos dez mandamentos: roubo, assassinato, adultério, juramento falso e idolatria (7,9). A fidelidade e o culto a um único Deus incluem a observância destes mandamentos. Não basta dizer “templo do Senhor”, confiando que Jerusalém não seria atingida pelo castigo porque Javé morava nele.

Os ouvintes de Jeremias reagem de modo diferenciado. Os “sacerdotes e profetas”, inicialmente, conseguem amotinar “todo o povo” e prender a Jeremias, sob a acusação de sacrilégio contra o templo, por anunciar sua destruição (26,7-9). Para eles o templo era uma espécie de fetiche protetor no qual não se podia tocar. Jeremias é salvo da morte somente com a intervenção oportuna dos “chefes de Judá”. O profeta explica novamente diante dos chefes de Judá, dos sacerdotes e profetas e do povo as razões de sua fala ameaçadora. Então, os chefes de Judá e o povo tomam a defesa de Jeremias, apoiados pelos anciãos, que citam uma profecia de Miqueias com o mesmo teor ameaçador contra o templo (26,10-19). Jeremias foi salvo da morte, mas outro profeta, chamado Urias, não teve a mesma sorte (26,20-24).

O episódio do discurso do templo mostra a intolerância dos que detinham o poder sobre o templo, tornado com a reforma de Josias o único santuário oficial de Judá. São provavelmente eles os que fizeram do templo um “covil de ladrões” (7,11). Tentaram se valer da tradição da inviolabilidade do templo e manipular a nova lei da centralização do culto para eliminar o profeta Jeremias, considerado como um perigo para a instituição, mas que na realidade constituía uma ameaça para seus privilégios escusos. A verdadeira ameaça para a cidade e o templo, segundo Jeremias, eram as práticas injustas de seus acusadores. Diante da intolerância de seus adversários reage com tolerância: “Fazei de mim o que vos parecer bom e justo. Ficai sabendo, porém, que se me matardes é sangue inocente que derramareis sobre vós, sobre esta cidade e seus habitantes” (26,14b-15). O poder religioso (sacerdotes e profetas) queria matar Jeremias, que é salvo pelo poder político, os chefes/príncipes de Judá e os anciãos.

2.3. *Jeremias e o rolo queimado (Jr 36,1-32)*

Outro caso onde se manifesta a intolerância política contra Jeremias é o episódio do cap. 36, do rolo queimado¹⁷. O texto se divide em três partes. A primeira (v.1-8) e a terceira parte (v. 27-32) relatam revelações divinas a Jeremias. A segunda parte (v. 9-26) relata a leitura do rolo feita no templo por Baruc, secretário de Jeremias. Levando em consideração o número de nomes de pessoas citadas como testemunhas dos fatos, com a narrativa de Jr 36 “entramos em terreno historicamente seguro” (Zimmerli). Estamos no quarto ano do rei Joaquim (605 aC), que corresponde ao primeiro ano de Nabucodonosor, rei da Babilônia. Neste ano os babilônios derrotam o faraó Neco e os

17. Cf. LUNDBOM, Jack R. *Jeremiah 21-36*. Doubleday, 2004, p. 581-612.

egípcios em Carquemis (25,1) e a Palestina cai sob seu controle (2Rs 24,7). Jeremias recebe a ordem divina de escrever num rolo todos os seus pronunciamentos “desde o dia em que comecei a falar-te, no tempo de Josias, até hoje” (v. 2), isto é, desde 627 aC (1,2; 25,3). A intenção divina é que a “casa de Judá” escute, se converta do seu mau caminho e possa ser perdoada (v. 3.7). Para esta tarefa Jeremias escolhe Baruc como secretário a quem dita os oráculos. Como está impedido de frequentar o templo, pede-lhe que vá ao templo e ali faça a leitura em público. Essa leitura teria acontecido somente no ano seguinte, em 605 aC, num dia em que foi convocado um jejum para o povo de Jerusalém e os que vinham das cidades de Judá (v. 9-10). O rolo foi lido três vezes (v. 11-20). As primeiras duas vezes é Baruc que lê publicamente, para todo o povo, e para um grupo de escribas ligados ao palácio real. Estes ficam apavorados com o conteúdo dos oráculos e decidem levar o assunto ao rei. Antes, porém, aconselham Baruc a se retirar para um lugar secreto junto com Jeremias, temendo represálias. A terceira vez a leitura é feita diante do rei Joaquim (v. 21-26), que, a cada três colunas do texto lidas, corta uma tira do rolo e a queima na lareira de inverno, apesar da insistência de Elnatã, Dalaiás e Gamarias para que não o fizesse. Discute-se qual seria o conteúdo do rolo original. Alguns pensam que devia corresponder basicamente aos capítulos 1 a 20. Outros estendem o texto original até Jr 25,13, o que incluiria as críticas de Jeremias aos reis (22,1–22,19). Em todos os casos, o texto não devia ser longo porque foi lido três vezes num mesmo dia. A razão principal para o rei queimar o rolo dos oráculos de Jeremias é porque neles se anunciava a invasão do rei da Babilônia, que saquearia o reino e o destruiria (36,29). Joaquim confiava mais no partido filo-egípcio para salvar o reino do que nos apelos de conversão, sem a qual, na visão do profeta, a ruína e o exílio seriam inevitáveis (7,1-14; 25,1-13).

Em resposta a este gesto de intolerância Jeremias recebe a ordem divina de escrever novamente seus oráculos (v. 27-32), aos quais acrescenta novas ameaças contra o rei, contra os moradores de Jerusalém e cidadãos de Judá por causa de seus crimes.

2.4. Jeremias e os recabitas (Jr 35,1-19)

Em Jr 35 temos um episódio muito interessante ocorrido durante o reinado de Joaquim, rei de Judá, envolvendo o clã dos recabitas¹⁸. O fato pode ter ocorrido antes de 605, quando Jeremias ainda podia frequentar o templo, ou então logo após a morte de Joaquim, em 597 aC, e imediatamente antes da tomada de Jerusalém por Nabucodonosor, quando novamente Jeremias pôde retornar ao templo. Os recabitas entram em Jerusalém para se proteger da invasão do “exército dos caldeus e arameus” (35,11). A situação é a dos anos 599-598 aC, durante a invasão de Judá pelos caldeus, sírios, moabitas e amonitas (2Rs 24,2). Para se proteger do ataque, os recabitas buscam proteção dentro dos muros de Jerusalém.

18. Cf. LUNDBOM, Jack R. *Jeremiah 21-36*, p. 568-581; FRICK, Frank. Rechab. *The Anchor Bible Dictionary*, vol. 5. New York: Doubleday, 1992, p. 630-632.

Quem são, afinal, os recabitas? Eles se apresentam como descendentes de Jonadab filho de Recab, que se aliou a Jeú no massacre da família do rei Acab e dos adoradores de Baal (2Rs 10,15-17). Em 1Cr 2,55 o clã dos recabitas está associado aos quenitas, que viviam na região entre Belém e Hebron, e no deserto do Negueb, ao sul de Judá. Os quenitas são adoradores de Javé; de fato, Jetro, chamado também Hobab, é sogro de Moisés (Jz 1,16; 4,11; Ex 3,1). Alguns quenitas foram para o norte, pois é Jael, uma mulher quenita, quem mata o general cananeu Sísara (Jz 4,11.17-22; 5,24-27). Discute-se hoje se Jonadab pertencia aos recabitas que viviam o ideal nômade, em protesto à vida das cidades, ou pertencia a uma associação que se ocupava com a construção de carros de guerra. Alguns estudiosos, por exemplo, pensam que a disciplina recabita esteja mais ligada à prática da metalurgia do que a um ideal nômade. A abstenção de bebidas alcoólicas pode estar ligada à manutenção dos segredos da profissão do clã. Os ferreiros não se fixavam definitivamente num lugar, mas permaneciam durante alguns meses junto a uma cidade e depois mudavam de lugar de acordo com o trabalho. Os recabitas são vistos hoje como um clã de artesãos ambulantes, especializados em fabricar armas e carros de guerra¹⁹. Aliás, o termo hebraico *rakab* está relacionado a carro, cavalgar um cavalo e ao condutor de um carro. Jeú convida a Jonadab filho de Recab a subir no seu carro, para acompanhá-lo na revolta (2Rs 10,15-17).

Jeremias recebe a ordem divina de fazer uma ação simbólica. Deve levar a família (clã) dos recabitas até uma sala do templo e fazê-los beber vinho, na presença de testemunhas. Eles, porém, se negam a fazê-lo e explicam: “Nós obedecemos a tudo o que nos ordenou nosso pai Jonadab filho de Recab; nunca bebemos vinho, nem nós, nem nossas mulheres, filhos ou filhas; não construímos casas para morar, nem possuímos vinhas, campos ou sementeiras, mas vivemos em tendas. Obedecemos e fizemos tudo o que nos ordenou nosso pai Jonadab” (35,8-10).

Ao dizer aos recabitas “bebei vinho!” Jeremias não o faz por intolerância com seu modo de vida um pouco estranho para a sociedade sedentária. Ele os está, apenas, submetendo a um teste. Mostra até simpatia pelo clã, não porque fossem javistas mais autênticos ou por causa de seu estilo de vida austero. Jeremias quer chamar atenção das testemunhas para a fidelidade com que os recabitas viviam aos princípios estabelecidos pelo patriarca do clã, tão contrastante com a infidelidade contínua dos cidadãos de Judá e moradores de Jerusalém, que não atendiam aos apelos de conversão dos profetas nem acolhiam a reforma deuteronômica de Josias. Pode-se dizer também que os costumes estranhos dos recabitas eram tolerados pela sociedade judaíta por serem javistas fervorosos ou por considerá-los úteis como hábeis ferreiros. Eles, por sua vez, embora rejeitassem os padrões da vida sedentária em obediência ao patriarca Jonadab,

19. A raiz hebraica *rkb* significa carro (*rekeb*), o condutor de um carro ou montar um cavalo (*rakab*). Sobre os recabitas como especializados em carros de guerra em Israel veja Francisco OROFINO. “Contigo eu martelei o cavalo e o cavaleiro, o carro e o condutor” (Jr 51,21). *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, n. 4, 1989/2, 139-147.

pelas circunstâncias históricas tiveram de recorrer às benesses da mesma, sem, porém, perder sua liberdade. A liberdade de escolha do clã era tolerada porque não constituía um perigo à sociedade.

2.5. *Jeremias e a idolatria (Jr 42–44)*

Uma das denúncias mais frequentes dos profetas em geral e especialmente de Jeremias são as práticas de idolatria, cultivadas em diferentes níveis da sociedade judaíta. O livro do Deuterônimo, que serviu como base para a reforma religiosa de Josias, já advertia contra o perigo da idolatria. Aqueles que fizessem propaganda de outros deuses, dizendo “sigamos outros deuses e vamos servi-los” (Dt 13,3.7), deveriam ser apedrejados “por ter procurado afastar-te do Senhor que te libertou do Egito” (Dt 13,10-11). O movimento deuteronomista pregava a fidelidade exclusiva a Javé, o Deus libertador do Egito. Mas nas práticas religiosas populares persistia uma tendência claramente sincretista. O longo governo de Manassés (698-643 aC) e sua sujeição à Assíria favoreceram o sincretismo religioso, tolerado oficialmente. Além da adoração oficial a Javé, praticava-se o culto nos lugares altos, onde eram adorados os deuses cananeus, especialmente Baal e sua consorte Aserá, cuja imagem foi inclusive colocada dentro do templo (2Rs 21,7). Manassés favoreceu também a adoração de divindades astrais assírias. O deuteronomista denuncia e acusa o rei, porque “levantou altares a Baal e fez uma estaca sagrada... Prostrou-se diante de quaisquer forças celestes, prestando-lhes culto... Levantou altares para todas as forças celestes nos dois pátios do templo do Senhor” (2Rs 21,3-5). O profeta Sofonias, que atuou provavelmente entre 640 e 630 aC, isto é, antes da reforma religiosa de Josias denuncia os que “os que se prostram nos terraços diante do exército dos céus, os que se prostram diante do Senhor mas juram por Melcom” (Sf 1,5). Por ocasião da reforma religiosa Josias fez retirar do santuário os símbolos de Baal, Aserá e do “exército do céu” e mandou queimá-los. Destituíu também os sacerdotes “que ofereciam incenso a Baal, ao sol e à luz, aos signos do zodíaco e a todo o exército do céu” (2Rs 23,3-7). Ezequiel também denuncia cultos idolátricos que continuavam sendo praticados na área do templo, inclusive para divindades astrais. Na visão do templo de Jerusalém, fala de anciãos oferecendo incenso em honra da deusa Aserá e mulheres fazendo lamentações em honra do deus da vegetação, sumério e assírio, Tamuz (Ez 8,5-16). Parece que a reforma religiosa promovida por Josias não foi duradoura ou não chegou efetivamente até à base, ou, então, perdeu seu impulso com a morte trágica do rei em 609 aC.

A questão da idolatria aparece bem claro depois da destruição de Jerusalém e do templo. Quando o governador Godolias foi assassinado, Jeremias é consultado por um grupo de oficiais, liderados por Joanã e Osaías, para saber o que seria melhor: permanecer em Judá ou fugir para o Egito (Jr 42–44)²⁰. Todos conheciam a posição política de Jeremias, que pregava a submissão aos babilônios como condição para a sobrevivência do resto do povo. Mesmo assim, talvez ainda reconhecendo sua autoridade de

20. Cf. LUNDBOM, Jack R. *Jeremiah 37-52*. New York: Doubleday, 2004 (The Anchor Bible, v. 21C), p. 125-170.

profeta ou querendo o seu apoio, pedem-lhe que consulte a Javé, para que “o Senhor teu Deus nos indique o caminho que devemos seguir e o que devemos fazer” (Jr 42,3). E prometem: “Quer seja agradável ou desagradável (a resposta), obedeceremos à voz do Senhor nosso Deus” (42,6).

Mas quando, após dez dias, Jeremias lhes comunica o resultado da consulta e lhes diz que deveriam permanecer sujeitos a Nabucodonosor, a fim de salvarem suas vidas, eles se revoltam e acusam-no de ser um falso profeta: “É mentira o que dizes. O Senhor nosso Deus não te enviou para dizer-nos: ‘Não entreis no Egito para ali permanecer’” (43,2). Com palavras semelhantes Jeremias desautorizara Hananias como falso profeta, quando este prometia um retorno dos exilados na Babilônia dentro de dois anos (Jr 28,15). Homens e mulheres que ofereciam incenso a deuses estrangeiros negam-se a obedecer às palavras de Jeremias e prometem que continuarão a queimar incenso à rainha do céu e a fazer-lhe libações, “como o fazíamos, nós e nossos pais, nossos reis e nossos chefes nas cidades de Judá e nas ruas de Jerusalém” (44,17). Argumentam que quando faziam isso (no tempo de Manassés) tinham paz e pão com fartura e ao deixarem de fazê-lo (no tempo de Josias) “tudo nos faltou e nós perecemos pela espada e pela fome”. As mulheres até argumentam que fizeram seus votos à rainha do céu com consentimento de seus maridos (44,19), conforme se exige em Nm 30,7-16. A rainha do céu é Istar, uma deusa assiro-babilônica, conhecida na Palestina e arredores como Astarte ou Aserá. A adoração à rainha do céu era uma devoção familiar muito popular (Jr 7,18; 19,13), como o mostram as 822 estatuetas de Astarte encontradas em Judá, mais de 400 só em Jerusalém. Aserá era considerada a consorte de Baal e mesmo de Javé.

CONCLUSÃO

Em nosso breve estudo vimos, inicialmente, como é importante clarear as diferentes nuances do conceito de tolerância e intolerância. Vimos também que a sociedade greco-romana podia ser tolerante no campo religioso. Mas tendia a ser intolerante quando a polis (gregos) ou o Estado (romanos) sentiam-se ameaçadas por comportamentos religiosos considerados perigosos. Os romanos, por serem politeístas, eram tolerantes com as diferentes manifestações religiosas dos súditos. Mas tornavam-se intolerantes quando estas podiam ameaçar a ideologia que sustentava o Império, como no caso do judaísmo e do cristianismo.

Os textos do livro de Jeremias que analisamos nos permitem tirar algumas conclusões. Antes da reforma religiosa de Josias e movimento deuteronomista, ao lado do culto oficial javista, em Judá, toleravam-se os cultos cananeus, nos santuários locais e lugares altos. Por imposição da dominação assíria e depois babilônica (entre 735 e 587 aC) praticava-se na área do templo de Jerusalém o culto às divindades astrais estrangeiras. Tal culto era também praticado no âmbito familiar particular. O rei Ezequias já tentara eliminar o culto às divindades astrais (2Rs 18,1-7), mas sem sucesso. A refor-

ma religiosa deuteronomista e a centralização do culto, promovidas por Josias, eliminaram os cultos às divindades cananeias e assírio-babilônicas do templo de Jerusalém e de outros santuários locais. Mas com a morte de Josias e o advento da dominação babilônica a reforma deuteronomista perdeu fôlego e retornaram os cultos idolátricos, tanto em Jerusalém como em outros santuários. Como Amós e Oseias (em Israel), Miqueias e Isaías (em Judá), Jeremias também prega o retorno à fidelidade exclusiva a Javé e à prática da justiça, sem a qual, nem o culto javista praticado no templo poderia salvar Judá da ruína. Como profeta, não podia tolerar os abusos no campo religioso e social. Mas também suas ameaças contra o templo e sua pregação de sujeitar-se ao dominador babilônico não eram toleradas pelos que defendiam a aliança com o Egito.

Enfim, como na sociedade greco-romana, também em Israel a tolerância podia se transformar em intolerância quando entravam em jogo posicionamentos e interesses político-religiosos conflitantes.

BIBLIOGRAFIA

LUNDBOM, Jack R. *The Anchor Bible – The Old Testament. Jeremiah 1-20*. New York: Doubleday, 1999.

_____. *Jeremiah 21-36*. New York: Doubleday, 2004.

_____. *Jeremiah 37-52*. New York: Doubleday, 2004.

BARRET-DUCROCQ, Françoise (org.). *A intolerância*. Foro internacional sobre a intolerância, UNESCO, 27 de março de 1997, La Sorbonne, 28 de março de 1997. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

PELLEGRINI, Silvia. *Was Jesus tolerant?* Antworten aus der frühen Jesusüberlieferung. *Stuttgarter Bibelstudien*, v. 212. Stuttgart: Verlag Katholisches Bibelwerk, 2007.

SCHÖKEL, Luis Alonso; SICRE, José Luis. *Profetas I: Isaías, Jeremias*. São Paulo: Paulinas, 1988.

Ludovico Garmus
Faculdade de Teologia – ITF
Rua Coronel Veiga, 550
22655-151 Petrópolis, RJ